



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**ALENTO E PAIXÃO:
TORCIDAS ORGANIZADAS ARGENTINAS E A CUMBIA VILLERA**

Elias Costa de Oliveira¹

Resumo: A história do tempo presente é uma construção mais nova do conhecimento histórico, refletindo sobre a constituição de narrativas, de abordagens e dialogando com diferentes áreas de conhecimento. O historiador tem proximidades em relação aos fenômenos, no qual são contemporâneos aos fatos, sendo que a memória é um importante instrumento. A partir da análise de músicas das torcidas organizadas argentinas - conhecidas como *barra brava* - iremos identificar sua afirmação em relação a identidade, noções de pertencimento a grupos ou bairros e a influência da *cumbia villera* como ritmo das classes populares que são de grande inspiração desses grupos. As canções (re) criadas são fontes de relatos e registros de memórias, a partir de diferentes vozes, apresentando a *murga* como principal instrumento das torcidas argentinas, influenciado nesse ritmo musical difundido pelo Uruguai no decorrer do século XIX com influência hispânica. As músicas, o *alento* ou gritos de guerra são produtos de uma tradição oral, marca registrada das torcidas organizadas. A partir das músicas entoadas nos estádios, entenderemos sobre muitos códigos desses grupos, pautados na identidade de comunidade, apresentando diversos signos próprios, relação de dominação ou simplesmente uma relação de amor com seu clube, sendo que esse agrupamento de torcedores disputam quem cria as melhores músicas e quem canta mais alto.

Palavra-chave: Cumbia Villera, futebol, música.

INTRODUÇÃO

A História do Tempo Presente (HTP), é um procedimento de pesquisa que abarca a recente temporalidade de um fenômeno, sendo que esse instrumento ainda está em disputa para ser uma possibilidade de interpretação da História. A História do Tempo Presente nasceu da memória, agiu e age na provocação dos traumas da violência, guerras ou para o uso político do passado (DELGADO; FERREIRA, 2014).

Temos o desafio de refletir como o presente é construído no tempo, não reduzindo a um simples adicional da história contemporânea, mas uma nova concepção de historiografia, partindo do presente para fazer perguntas ao passado, porém, desconfiando de qualquer

¹ Mestrando em História na Universidade Federal de Santa Maria, bolsista CAPES, eliascostaiff@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE

UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



projeção do presente sobre o passado (DOSSE, 2012). Sendo assim, a História do Tempo Presente é associada a um conhecimento contingente, provisório, sofrendo alterações no decorrer do tempo, sendo reescrito constantemente pelos mesmos sujeitos e métodos, possuindo fatores móveis se deslocando no decorrer do tempo (DELGADO; FERREIRA, 2013).

A HTP é um fértil caminho para dialogar com diferentes áreas de conhecimento, encontrando e (re) visitando o passado recente inter-relacionando as diferentes temporalidades. Tem a especificidade de ser uma memória viva, carregando uma grande diversidade complexa, transformando a memória além de uma reflexão, transformando em um monumento. Para compreender esse ofício é necessário entender e recordar (SCHURSTER, 2015).

A HTP critica os fenômenos como dados, utilizando a criticidade e o estranhamento dos objetos, a intenção não é se debruçar somente sobre a realidade, mas como se tornou possível e como torna- lá legível (SCHURSTER, 2015). Iniciar um debate sobre o tempo presente requer uma reflexão profunda sobre a própria noção do termo, que se constitui hoje como conceito, sua validação, sua prática e sua própria história. Ainda podemos entender que:

[...] a chamada História do Tempo Presente é fundamentalmente parte de uma trajetória de reflexão historiográfica que a situa no campo da História propriamente dito, não constituindo uma ruptura com o ofício, como muitas vezes parece ser percebida, mas que desafia a historiografia ao debate político e demanda, assim, a análise constante de posições que pareciam definitivas (LONH, 2019, p.11).

Bédarida (1998), defendeu que o historiador não pode se omitir, muito pelo contrário, deve lutar contra o negacionismo científico. A História do Tempo Presente se torna um grande instrumento para isso. Aliás, o historiador deve ocupar seu papel como formador do conhecimento científico e lutar contra esses fenômenos negacionistas. O olhar crítico faz parte da HTP, pois nos convida a entender muitos fenômenos dados como naturais e problematizá-los. Podemos afirmar que:

Uma escrita da história voltada ao tempo presente tem como significado básico uma atitude política na qual a historiografia se expõe ao debate público em um momento em que diferentes narrativas buscam reescrever o



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE

UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



passado com vistas a utilizá-lo como arma política. Mais do que nunca, uma história comprometida e interpelada pelo presente está diante de questionamentos que envolvem a interação entre narrativa histórica e campo político (LONH, 2019, p. 11).

A pluralidade das fontes é uma grande vantagem da HTP, incorporando a memória individual e coletiva, podendo ser: “documentos audiovisuais, fotografias, escritos literários, relatos orais e escritos, charge, , plantas, mapas, atas, programas de rádio, peças publicitárias, jornais, revistas, músicas, entre outros” (DELGADO; FERREIRA, 2014, p. 8).

As músicas entoadas nos estádios, registram os sujeitos históricos anônimos ou públicos, ativando e evocando memórias, contribuindo para a HTP, disponibilizando fontes não acessível em espaços documentais. Iremos fazer a análise de músicas de duas torcidas, uma do *San Lorenzo* e a outra do *Chacaritas Juniors*, ambos times argentinos. As torcidas organizadas argentinas são chamadas de *barra bravas*, no qual iremos identificar nas canções suas afirmações em relação a identidade e a memória, noções de pertencimento ao local ou grupo e a influência do ritmo conhecido como *cumbia villera*- estilo musical muito popular nos bairros periféricos da Argentina.

MEMÓRIA E IDENTIDADE

Para Le Goff (1990), destaca que a memória é fruto de diversas funções no qual perpassam desde a experiência empírica as funções psíquica, guardando informações passadas, sendo que a memória individual é a base da memória coletiva (HALBWACHS, 1968). A investigação da memória coletiva dos grupos representados se torna mais legítimo do que a extração da memória individual.

A memória dos indivíduos existe em conjunto da memória coletiva, pois fica mais fácil lembrar quando está na presença de um grupo, estando em conjunto dos mesmos, sendo uma memória compartilhada (HALBWACHS, 1991). Nesse sentido, a memória coletiva é compartilhada por diferentes grupos em diferentes períodos, se aproximando por motivos políticos, étnicos, religiosos ou culturais (HALBWACHS, 1968). Para Pollack (1992), a memória coletiva é um instrumento que os grupos se utilizam para reforçar um sentimento de pertencimento, sendo de forma consciente ou não, sendo moldada por estrutura hierárquicas, reforçando sentimentos de pertencimentos daquele grupo. Para Montysuma a memória é a:



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



a capacidade ou esforço que as pessoas tem de lembrar através do indiciário, fragmentário retirando o essencial para solucionar as situações de tudo aquilo que compõe suas experiências. Interpretamos que em certo sentido, memória como fragmento do que foi construído no plano social e memória como capacidade de discutir as experiências subjetivas, pelos teores guardados na mente se fundem (MONTYSUMA, 2019, p.47).

A memória não é estanque, pelo contrário, está aberto as modificações no qual é construído coletivamente, assim a memória ajuda na criação da identidade individual e coletiva, reconstruindo os acontecimentos dos grupos (POLLAK, 1992). A memória, por outro lado, é considerada crucial para a coesão social e cultural da sociedade. Todos os tipos de identidades dependem dela. Podemos considerar que uma sociedade sem memória, é um uma sociedade anátema (HUYSEN, 2004).

Nesse sentido, Huyssen (2004), fala sobre o uso do esquecimento da história pública e como foi utilizado por setores dominantes o instrumento do esquecimento para seu uso próprio. Dentre dos exemplos utilizados estão as ditaduras sul- americanas e o holocausto na Alemanha, no qual afirma sobre a experiência do nazismo na qual é transmitido de avós para netos. Isso acontece nas torcidas organizadas, os signos, as amizades, os inimigos, as histórias de viagens vão sendo transmitidos para os mais novos, passando de geração para geração.

A memória pode ser classificada em diferentes níveis, tanto em nível individual como coletivo, essas diferentes memórias muitas vezes se interlaçam, sendo um processo de construção a partir de um acontecimento (CANDAU, 2001). A memória é a imaginação, uma criação, muitas vezes não preocupada com a verdade, ou preocupada com a verdade que o grupo impõe, podendo entrar em contradição entre o indivíduo e o grupo (CANDAU 2001).

A memória tem a capacidade de manter vivo as tradições e elementos dos grupos, ao passo que esses signos fazem parte da mística e da história, muitas vezes somente histórias de vitórias e lembranças que vangloriem esse subgrupo. Sabemos que é frágil a definição de memória coletiva, mas, pode funcionar como instrumento unificador de um subgrupo.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Para entendermos a identidade de grupos sociais de uma sociedade, temos que conceituar o significado de memória histórico-cultural, e como a mesma está diretamente na construção da identidade coletiva. A memória reflete acontecimentos sociais e históricos que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE

UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



iniciam a formação da identidade da sociedade ou grupo social, nesse caso as torcidas organizadas.

A identidade é um conceito que envolve concepção de etnia, cultura, gênero, classe social, condição sócio econômica entre outros, ao passo que envolve a construção subjetiva da identidade de um indivíduo. A identidade não é unificada ou individual, ela transcorre de maneira coletiva, subdividida e fragmentada, por isso que no decorrer do tempo a identidade seja coletiva ou individual se modifica (HALL,2000). As identidades não são ímpares ou singulares, mas são construídas de forma diversificada e multifacetada, geralmente estão em processo de transformação, podendo ser até mesmo antagônicas (HALL,2000).

A sociedade molda o indivíduo e sua personalidade pela cultura histórica, sendo que cada sociedade tem suas regras e culturas específicas. A construção coletiva e individual desses indivíduos representa a construção social, à memória histórica/ social contribui para construção das identidades, com isso o indivíduo passa a se entender enquanto sujeito na sociedade:

A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si e para si. E, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Entendermos que a construção da identidade de um torcedor organizado é muito complexa, pois existe uma pluralidade imensa e diferentes identidades, mas no decorrer do tempo os signos, os códigos e os laços afetivos vão homogeneizando esses sujeitos, pois na arquibancada cumprem um único objetivo, apoiar o clube. Nesse sentido, esses torcedores “perdem” sua identidade e estão em processo de construção de uma “nova” identidade, essa nova identidade será aceita pelo grande grupo, envolvendo atividades que perpassam ações sociais à brigas contra torcidas rivais.

A partir da sociabilidade dos torcedores, sua rede de identificação com os demais aumenta, assumindo posição de protagonista através de atitudes coletivas que os identificam como torcedores organizados (RIBEIRO, 2007). Dentro dessa rede de identificação está a



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



cultura de arquibancada, indo além de ajuntamentos populacionais nos estádios, a cotidianidade entre esses grupos é influente na maneira de se vestir, estilo de música e formas de resolução de problemas de maneira violenta, mostrando virilidade.

Essa identidade é construída no decorrer do anos, são os fatos e episódios que se torna específica na mente dos seus membros é um fenômeno no qual, a cultura de arquibancada é um conjunto de crenças e regras do grupo (TOLEDO, 2010). O indivíduo que faz parte da organização vai internalizando subjetivamente as regras do grupo, fazendo manter viva os signos da mesma, expressando por comportamentos, símbolos e misticismo, sendo socialmente construída.

A memória é essencial para o sentimento de identidade de um grupo ou de um indivíduo, sendo que a memória é algo produzido em referência ao outro, a imagem que esse outro constrói para transmitir para seu grupo permitindo a construção de signos (POLLAK, 1992). A identidade torcedoras dos grupos organizados são baseados no pertencimento, na masculinidade/ virilidade, auto afirmação e em alguns casos a violência (TOLEDO, 2010).

A memória manipulada, que tem uma relação intrínseca com a narratividade, no sentido que qualquer narrativa é seletiva e implica, passiva ou ativamente, certo esquecimento de que uma história poderia ser contada de outra maneira. Para os torcedores organizados, existem vários elementos que apontam o pertencimento naquele agrupamento, como vestimentas, gírias, rituais, símbolos criados para mostrar pertencimento ou registros históricos que lembrem feitos importantes para o grupo (JAHNECKA, 2010).

A memória permeia diversos elementos como a ficção, recriação de mitos, que se confundem com o próprio esquecimento ou uma repressão. Mesmo a memória sendo do passado, também faz parte de um tempo presente, sendo afetada pelo esquecimento ou pela experiência (JAHNECKA, 2010).

TORCIDAS ORGANIZADAS ARGENTINAS – BARRAS BRAVAS

Na América Latina de língua espanhola, grupos organizados de torcedores no final da década de 1960, começo dos anos de 1970, foram conhecidos como *barras bravas*, principalmente na Argentina, em um período de ditadura civil militar no país. O termo *barra brava* é tido como pejorativo por esses segmentos, então a partir de agora chamaremos



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



somente de *barras*. Esses grupos são formados, em grande parte, por homens jovens que posicionam-se nos setores mais baratos ou populares dos estádios, desenvolvendo uma cultura de arquibancada:

A “cultura de arquibancada” esteia-se assim em valores de emulação e supremacia, com a denegação do outro, via autoexaltação da virilidade e da masculinidade. Esta se mostra atraente aos segmentos juvenis, seduzidos pela vivência coletiva da emoção da briga, pelo risco dos encontros com os oponentes ou, ao menos, pela extroversão de uma retórica que aciona esse imaginário adrenalizante, dentro e fora das estádios (HOLLANDA, 2017, p.52).

As barras tem como características de levar para os estádios faixas com nome de seus bairros, deixando forte a territorialidade, além de mensagens de apoio ao time e ao jogadores (ARAGÓN, 2007). Em relação a estética, geralmente posicionam-se atrás das goleiras, com faixas verticais e horizontais, além disso, usam bumbos, instrumento de sopro, sombrinhas e o instrumento de percussão intitulado de *murga* ou *boombo platillo*.

As canções que essas torcidas são inspiradas é o estilo musical da *cumbia villera*, sendo um subgênero da *cumbia*, gênero criado na Colômbia e muito conhecido na América Latina. A *cumbia villera* retrata o cotidiano das periferias argentinas, abordando temas como a violência policial, pobreza, falta de políticas públicas, mas também são retratadas festas, excesso de álcool, uso de drogas e crimes (ALABARCES; SILBA, 2014). Foi dada o nome de *villera*, pois esse estilo musical foi muito popularizado nas *villas* argentinas, então o nome de *cumbia villera*.

Na década de 1990, a Argentina passava por grave crise econômica, logo, as desigualdades sociais foram sentidas de forma sintomática pelos moradores das periferias, os *villeros*. Naquele período, aumentou o desemprego, queda no salário de trabalhadores, aumento de trabalho informal, como consequência desses fatores aumento da criminalidade, de pessoas em situação de rua e moradias precárias (FERREIRA, 2014). Nesse período, surge um fenômeno cultural nas periferias:

[...] emergiu a partir das *villas miseria* e de outras regiões periféricas a chamada *cumbia villera*, a qual apresentava uma rasura temática marcante e evidente em relação ao que havia sido produzido até então, visto que a predominância do romantismo como tema foi minimizada em prol das



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



narrativas de um cenário no qual a violência, a exclusão social, a dicotomia entre os *villeros* e os policiais, além do consumo de drogas apareceram como desenho estético tanto de suas composições, quanto dos nomes de suas primeiras bandas (FERREIRA, 2014, p. 55).

Esse estilo musical se tornou muito popular a partir dos anos 2000, onde a juventude periférica apropriou-se desse estilo, utilizando como instrumento de denúncia aos abusos policiais, diferenças de classes ou simplesmente para falar de seus lazeres. A *cumbia villera* adentrou aos estádios argentinos pelo modo de torcer *barra*, se tornando uma cultura de arquibancada sendo sinônimo de *alento* (gritos de incentivos) para esse grupo de torcedores.

ANÁLISE DE MÚSICAS

A música é um considerável artefato na construção de identidade e vínculos territoriais, estabelecendo simbologias e pertença aquele bairro ou aquele time. Nesse sentido, as músicas das *barras* podem ser analisadas como marcadores de espaço específico nas hierarquias simbólicas da torcida como um todo e por isso mesmo agentes de conflitos musicais, simbólicos e geográficos, mas que no caso das *barras* e torcidas é também físico. A partir da análise dessas músicas podemos entender que:

As territorialidades musicais atuam como marcadores importantes de pertença, que por sua vez promovem e criam conflitos, tensões sociais de diferentes formas. Os lugares e as sonoridades estabelecem conexões entre valores, ideologias e grupos que interagem a partir da experiência musical, negociando alteridades e enfrentamentos éticos, comportamentais, estéticos e morais (TROTТА, 2017, p. 167-168).

Analisaremos canções de duas *barras*- a *La Famosa Banda de San Martín* e da *Gloriosa Buteller*, respectivamente dos times do *Chacarita Juniors* e do *São Lorenzo de Almagro*. Iremos identificar além do apoio aos clubes, seu sentimento de pertença com a *barra*, através da memória e da forte territorialidade com sua cidade e/ou bairro.

A equipe do *Chacarita Juniors* é um time tradicional argentino que atualmente está na segunda divisão do campeonato nacional. O time nasceu no bairro da *Villa Crespo*, em Buenos Aires, porém, após um imbróglio com um time do mesmo bairro, acabou mandando seus jogos para a cidade de *General San Martín* na *Villa Maipú*. A cidade se identificou com



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



o time, principalmente o bairro. A torcida é chamada *de Famosa Banda de San Martín* devido à forte identificação com a cidade.

Como vemos em uma das canções da *barra* do *Chacarita Juniors*, é marcada pela memória que há muitos anos a torcida está o acompanhando, independente se vence ou perde, até porque a equipe não é uma das mais vitoriosas da Argentina. Nos códigos e signos criados por esses torcedores, quanto mais ele perde, mais deve estar perto da equipe, mostrando toda a disposição e entrega da *barra*.

A partir dessa canção entendemos alguns elementos de identidade e memória. Como é afirmado na música [...] “*muchos años/ han pasado,/ de que estoy en la tribuna/ Pero lo que nunca pasa /Es este amor y esta locura. No importa los resultados /No importa la policía/ Yo por esta camiseta /Te juro que doy la vida. No tiene jefes/ Y no tiene capo/ La Famosa Banda te sigue a todos lados/ No pedimos nada /Queremos ver a Chaca estar a tu lado/ En las buenas y en las mala*”².

Outros aspectos a partir da música que verificamos é a provocação contra a polícia, que é recorrentes nas canções das *barras*. Ainda afirmam, que dariam a vida pelo time se fosse preciso, e que a *barra* acompanha em todos os lados. Retoma que não tem chefes nem líderes e que todos são a torcida. Nesse sentido, homogeniza a identidade de todos, pois afirma que naquele espaço “*todos somos de Chaca*”, a única identidade permitida é a identidade de um torcedor organizado- de um *barra*.

Em outra música da *barra*, podemos notar como é demarcada e exaltada a cidade que o time está, logo, o bairro é um importante instrumento de identificação desses torcedores. Podemos identificar no trecho dessa canção: “[...] *Soooooy de San Martín/ y vinimo a ver al fúnebre/, Sooooooy de San Martín y vinimo a ver al fúnebre/, huevo Funebrero que hoy tenemos que ganhar/y esta hinchado la vuelta queire dar*”³. A territorialidade do local onde está o time é apontada diversas vezes, pois na Argentina é muito forte um tripé, um time, uma torcida e um bairro.

Já o caso do *San Lorenzo de Almagro* é muito simbólico. A equipe nasceu no bairro de *Almagro*, mas rapidamente mudou-se para o bairro de *Boedo*. Com a ditadura civil militar

² Disponível em: <https://barrabrava.net/chacarita-juniors/la-famosa-banda-de-san-martin/letra/muchos-anos-han-pasado/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

³ Disponível em: <http://corazonfunebrero.blogspot.com/p/cancionero.html/>. Acesso em: 25 mar. 2021.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



argentina (1976-1983), o clube perdeu o estádio em 1979, sendo expropriado pelos próprios militares, no qual foi vendida para uma grande multinacional. Por diversas vezes a equipe do *San Lorenzo* teve que pedir emprestado ou alugar estádios dos seus rivais, o que constrangia os torcedores.

Por diversos anos, torcedores que vivenciaram os jogos no bairro de *Boedo*, influenciaram os mais jovens para fazer manifestações para que o time voltasse ao bairro. Os mais velhos narram os grandes fatos e as grandes vitórias do time, mostrando a importância da volta para *Boedo*. A torcida representou essa memória compartilhada através das músicas, como essa: [...] *Ciclón, sos mi locura,/ sos mi pasión, por vos,/ dejo todo y te vengo a ver/ sabes, que para siempre te voy a amar/ aunque, te vaya bien o te vaya mal. Venite a Boedo/ este es una fiesta/ que este año traemo la Copa/ y damo'la vuelta*”⁴.

Percebemos que muitos desses jovens que cantam essa música nunca tinham visto um jogo da equipe no bairro, única lembrança que tinham eram das narrativas contadas por pessoas mais antigas. Nessa música compreendemos melhor a identificação em relação a bairro: [...] *En el barrio de Boedo hay carnaval/ yo te sigo a donde vallas a jugar/ La Gloriosa de hizo grande de verdad/, yo a vos te sigo a donde vas/ la banda esta nunca se fue, es la Gloriosa Buteller*”⁵. Vemos que a torcida reitera que no bairro é que existe a festa, é no bairro onde o carnaval, a alegria está presente, ao passo, que tornou a torcida grande e que eles estão presentes, nunca se foram.

No ano de 2019, o *San Lorenzo* conseguiu o terreno que estava com a multinacional, atendendo seus milhares de torcedores, o clube irá voltar ao bairro de *Boedo* e construirá seu novo estádio, no mesmo espaço do primeiro, no qual a ditadura civil militar expropriou. Essa ação envolveu a busca da identidade desses torcedores, no qual foi contribuída pela memória compartilhada dos torcedores mais antigos, sendo que o período da ditadura ainda marca muito a equipe e seus torcedores.

A partir das músicas entoadas nos estádios, compreendemos sobre muitos códigos desses grupos, pautados na identidade de comunidade, apresentando diversos signos próprios, relação de dominação ou simplesmente uma relação de amor com seu clube. Memórias

⁴ Disponível em: <https://www.musica.com/letras.asp?letra=2234846/> Acesso em: 25 mar. 2021.

⁵ Disponível em: <https://barrabrava.net/san-lorenzo/la-gloriosa-buteller/letra/en-el-barrio-de-boedo-hay-carnaval/> Acesso em: 25 mar. 2021.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL **HISTÓRIA DO TEMPO** **2021** PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



compartilhadas, construção de novas identidades e respeito as hierarquias são latentes nesses agrupamentos de torcedores, além, de uma disputa simbólica de quem cria as melhores músicas e quem canta mais alto.

Podemos compreender como a cultura popular está presente nos estádios, como por exemplo, o ritmo da *cumbia villera*, estilo musical presente nas periferias argentinas e que culturalmente as *barras* levam esse ritmo para fazer as suas incríveis festas em apoio aos clubes. Através desse ritmo, as letras das canções são memórias compartilhadas de fatos e vitórias, concomitantemente constroem uma identidade de grupo, uma identidade torcedora que é pautada de códigos e signos que orientam as atitudes desses grupos, mesclando atitudes como ações sociais para suas comunidades e bairros ou casos de violências nos estádios de futebol.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo e SILBA, Malvina. "**Las manos de todos los negros, arriba**": **Género, etnia y clase en la cumbia argentina**. Cultura representaciones soc., v.8, n.16, p.52-74 2014.

BÉDARIDA, François. **As responsabilidades do Historiador** Expert. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org.). *Passados Recompostos: Campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidad**. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes;. **História do tempo presente e ensino de história**. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, 2013.

DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia**. Revista Tempo e Argumento, v. 4, n. 1, p. 5-23, 2012.

FERREIRA, S. D.A. **Escritas villeras de nação: perspectivas discursivas sobre a Argentina negra em Coisa de Negros, de Washington Cucurto**. Bahia, Ano de Obtenção: 2014. 111 páginas. Mestrado em Literatura e Cultura. Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



HALBWACHS, Maurice. **Fragments da la Memoria** Coletctiva. Selecao e Traducao Miguel Angel Aguilar D. Revista de Cultura Psicológica, Ano 1, Numero 1, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Sao Paulo: Vertice, 1968.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart & WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; RODRIGUES, Onésimo Aguilar (Org.). **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro : Aeroplano, 2000.

JAHNECKA, Luciano. **O jeito Xavante de torcer: formação de memórias em uma torcida de futebol**. Porto Alegre, Ano de Obtenção: 2010. 73 páginas. Mestrado em Educação em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

LE GOFF J. **História e Memória**. Traducao de Bernardo Leitao, Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LOHN, R. L.. Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido. In: Tiago Siqueira Reis; Carla Monteiro de Souza; Monalisa Pavonne Oliveira; Américo Alves de Lyra Júnior. (Org.). Coleção **História do Tempo Presente**, volume 1. 1ed.Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, v. 1, p. 11-26.

MONTYSUMA, Marcos. Memória e Esquecimento. In: Tiago Siqueira Reis; Carla Monteiro de Souza; Monalisa Pavonne Oliveira, Américo Alves de Lyra Júnior. (Org.). **Memória e Esquecimento**. 1ed. Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2019, v. 1, p. 6-253.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Traduzido por Monique Augras, ed. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, nº. 10, 1992.

RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

SCHURSTER, Karl.. A **História do Tempo Presente, o método comparativo e o debate sobre os fascismos**. Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 7, p. 423-440, 2015.

TOLEDO. Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; Campinas: Anpocs, 1996.

TROTTA, F. **Prejuicios, incomodidades y rechazos: música, territorialidades y conflictos en el Brasil contemporáneo**. *Anthropologica*, 36(40), 165-191, 2018.